

JULIE
Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 19/06/91)

Numa tarde de outono, estava sentada no terraço do Café de Flore tomando um chazinho quente. É hábito entre os parisienses ir aos cafés e ficar lá horas a observar, a escrever, a conversar. A gente também acaba gostando e fazendo igual. Todos os cafés e restaurantes costumam, nos meses de frio, avançar um terraço sobre a calçada, fechando-o com portas de vidro. Fica agradável, feito uma espécie de vitrine, de onde se pode ver todo o movimento da rua. Quando o dia está bonito e o frio ameno as portas são abertas, e a gente pode desfrutar um pouco mais da luz e do calorzinho do sol.

Esse Café, vale dizer, é especialmente atraente, e está sempre cheio. Primeiro devido a sua localização, no Boulevard Saint Germain, perto da igreja em frente à Brasserie Lipp. É um bairro bonito, simpático e bem freqüentado. Segundo porque o local era freqüentado por Sartre e Simone do Beauvoar, e disso eles fazem grande propaganda.

Na outra esquina há outro, o Café Les Deux Magots, este exatamente em frente à igreja. É do mesmo estilo do Flore, com a vantagem de possuir um espaço externo maior, e no verão ganhar um terraço enorme, aberto, circundado por vasos de plantas. O cliente aí é agraciado com shows de acrobatas, mímicos e cantores que ganham a vida levando seus espetáculos pela rua.

Meu sossego era grande. Distraída estava com meus pensamentos quando, numa fração de segundo, percebo algo passar correndo pelo chão, ao lado das pernas. Logo aquele frio desagradável corre pelo meu corpo, o primeiro impulso foi de levantar.

Deselegante e desnecessário fazer escândalo, fiquei quieta a observar, ver se não estava imaginando coisas. Não podia ser. Nunca vi disso em casa de ninguém em Paris.

E novamente passa a coisa, miúda e lépida. Todo branco, rabinho comprido, entrando por debaixo das cadeiras, agora não tinha dúvidas: era mesmo um ratinho. Novamente a vontade de sair, subir na cadeira, correr para fora, não sei. Contive meus impulsos, e comecei a pensar no que fazer. Simplesmente vou embora, sem mais nem menos? Não podia, precisava pagar a conta. Mato o bicho? Mesmo que pudesse, jamais teria coragem. Me afasto? Me encolho? Finjo que não vi nada? Paro de pensar?

Depois de muita aflição e desconforto a aumentar a cada passagem do animal, decidi: chamar o garçom e colocá-lo a par da situação. O pessoal do Café precisaria saber do ocorrido, e tomar alguma providência. Como então, deixar esse bicho aí, no meio dos clientes? Vai espantar todo mundo, pensei. Tenho de avisá-los.

O garçom veio, e timidamente lhe informei ter tido a impressão (eu já estava mais que certa) de ver um ratinho correndo por entre as mesas e cadeiras e estava pronta para compartilhar com ele de uma expressão de espanto e desagrado. Afinal, um rato no Café de Flore?

No entanto, qual não foi a minha surpresa ao ver a reação do dito, placidamente e com um sorriso nos lábios responder: “Ah, mas essa é Julie, nossa amiguinha mascote!”

Não acreditei nos meus ouvidos: o rato, ou melhor, a rata, era parte integrante da população da casa. Aí não deu mais: paguei minha conta, levantei discretamente, e fui embora, olhando para o chão,

Quando voltei ao Café de Flore, tempos mais tarde, já não havia mais Julie.